

Experiências Limiars em *L'Analphabète*, de Agota Kristof

Fabiana Fanganiello⁵

Resumo: Na autobiografia *L'Analphabète*, Agota Kristof revisita alguns períodos na sua vida, marcados por uma experiência de escrita das mais surpreendentes: a autora, de origem húngara, abandonou o idioma materno para escrever em francês, língua da região onde se exilou, na Suíça. À parte esta diáspora linguística, a autora retratou nesse curto texto as fases mais fundamentais de um percurso artístico marcado pelo princípio da negação: ela é a estrangeira, a exilada, a escritora tornada, de repente, analfabeta, buscando, através da aprendizagem da uma língua, com qual nunca travou contato, a recuperação da sua escrita e da sua própria identidade cindida. Esses períodos, analisados à luz do conceito de limiar, de Walter Benjamin, conforme o explicam Jeanne-Marie Gagnebin e João Barrento, e tendo como fio condutor a sua relação com a leitura e com a escrita, podem oferecer-nos uma leitura vigorosa da obra, no sentido de recuperar a importância dos ritos de passagem num contexto de guerra, exílio e exclusão social.

Palavras-chave: *L'Analphabète*; Agota Kristof; Exílio; Limiar; Ritos de passagem.

THRESHOLD EXPERIENCES IN *L'ANALPHABÈTE*, BY AGOTA KRISTOF

Abstract: In the autobiography *L'Analphabète*, Agota Kristof revisits some periods in her life, marked by a most surprising writing experience: the author, of Hungarian origin, abandoned her mother tongue to write in French, the language of the region where she went into exile, in Switzerland. Apart from this linguistic diaspora, the author portrayed in this short text the most fundamental phases of the artistic journey marked by the principle of denial: she is the foreigner, the exiled, the writer suddenly rendered illiterate, seeking, through learning a language, with which she never had contact, the recovery of her writing and her own split identity. These periods, analyzed in light of Walter Benjamin's concept of threshold, as explained by Jeanne-Marie Gagnebin and João Barrento, and having as their guiding thread their

5 Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo. Contato: fabiana.leitora@gmail.com

relationship with reading and writing, can offer us a vigorous reading of the work, in order to recover the importance of rites of passage in a context of war, exile and social exclusion.

Keywords: *L'Analphabète*; Agota Kristof; Exile; Threshold; Rites of passage.

O francês por acaso

Em *L'Analphabète* (2004),⁶ Agota Kristof nos revela como o francês, língua em que escreveu toda a sua obra, *aconteceu* em sua vida:

É assim que, aos 21 anos, na minha chegada à Suíça, e absolutamente por acaso em uma cidade onde se fala o francês, eu enfrento uma língua para mim totalmente desconhecida. É aqui que começo minha luta para conquistar essa língua, uma luta longa e implacável que durará toda a minha vida.

Eu falo francês há mais de trinta anos, eu o escrevo há mais de vinte anos, mas eu continuo a não conhecê-lo. Eu não o falo sem erros, e eu não posso escrevê-lo sem a ajuda de dicionários frequentemente consultados.

É por essa razão que eu chamo a língua francesa de língua inimiga, ela também. Há uma outra razão, mais grave: essa língua está prestes a matar minha língua materna. (p.16)⁷

Diante de tantas perspectivas de análise que sua obra suscita, um aspecto que se destaca na leitura do texto é o paradoxo entre o título do livro (em português, *A Analfabeta*) e a extraordinária experiência de escrita da autora, a qual se constitui como um trânsito contínuo e persistente por uma zona que, como ela mesma destaca, nunca esteve completamente sobre o

6 Não se verificou, até a data de entrega deste trabalho, a publicação da tradução deste livro para o português. Em razão disso, traduzimos todos os excertos citados neste estudo.

7 No original: C'est ainsi que, à l'âge de vingt et un ans, à mon arrivée en Suisse, et tout à fait par hasard dans une ville où l'on parle le français, j'affronte une langue pour moi totalement inconnue. C'est ici que commence ma lutte pour conquérir cette langue, une lutte longue et acharnée qui durera toute ma vie. / Je parle le français depuis plus de trente ans, je l'écris depuis vingt ans, mais je ne le connais toujours pas. Je ne le parle pas sans faute, et je ne peux l'écrire qu'avec l'aide de dictionnaires fréquemment consultés. / C'est pour cette raison que j'appelle la langue française une langue ennemie, elle aussi. Il y a encore une autre raison, et c'est la plus grave: cette langue est en train de tuer ma langue maternelle".

seu domínio. Em *L'Analphabète*, Kristof apresenta ao leitor uma parte do seu passado, principalmente aquela referente ao momento em que atravessou uma longa zona desconhecida para exilar-se na Suíça. Decidida a escrever na língua do país de acolhimento, deixou para trás toda a sua história em seu país natal, assim como as primeiras manifestações de uma obra que ali se iniciava, produzida em língua materna, da qual, aliás, muito pouco se conhece, já que, quando a autora fugiu da Hungria, precisou abandonar poemas e textos que nunca mais recuperou.⁸

O momento da narrativa ao qual se refere o trecho citado é justamente aquele em que a autora começa a relatar a passagem pela fronteira da Hungria com a Áustria até a chegada à Suíça, onde ela, o marido e a filha do casal se fixaram, como exilados. Na condição de estrangeira, a autora trata nesse livro não apenas de seus deslocamentos territoriais – desde os significativos espaços familiares da sua infância, percorrendo o longo caminho até o sucesso como romancista na Europa – mas também, e sobretudo, das experiências seminais que envolvem a aprendizagem e o amor pela leitura, assim como, numa direção oposta, o apagamento da língua-mãe pela imposição de outra língua, que vai moldar sua vida adulta e sua obra, tornando-a novamente, em certa medida, uma analfabeta para o mundo esquecido da língua materna e em constante tensão com o novo mundo imposto pelo idioma do exílio.

Ao lançarmos um olhar atento e investigador para essas e outras experiências narradas em *L'Analphabète*, as quais envolvem, ainda, a difícil adaptação em um internato na adolescência e a busca pela publicação de seus textos em “língua inimiga” no exílio, acreditamos que uma análise da obra à luz do conceito de limiar pode oferecer-nos uma leitura vigorosa do texto de Kristof. Para isso, basearemos nossa investigação no que propõe Walter Benjamin (2019) acerca do conceito de limiar, como bem explicam Gagnebin (2014) em ensaio sobre a obra *Passagens*, e Barrento (2013) em trabalho sobre a obra do mesmo filósofo.

8 Em 2016, a editora Clous publicou um volume bilíngue dos seus poemas escritos em húngaro, os quais a autora tentou reconstituir de memória aqueles jamais recuperados após a chegada à Suíça. A tradução para o francês é de Maria Mailat.

Sobre Agota Kristof

Agota Kristof nasceu em 29 de outubro de 1935 e passou uma infância relativamente tranquila na cidade de Csikvánd, na Hungria, junto aos pais e a dois irmãos, vivendo entre os livros da biblioteca do pai, as brincadeiras com os irmãos e os passeios na casa da avó, ouvinte atenta das histórias que a menina inventava. Aos nove anos, muda-se com a família para Köseg, cidade próxima da fronteira com a Áustria, onde passa o início da adolescência. Aos 14 anos, já sem ter notícias do pai, preso pelo regime soviético, e vivendo em uma penúria material e afetiva, ela é enviada a um internato, o que a distancia ainda mais da mãe e dos irmãos. Com o fortalecimento da ocupação soviética e a instauração de um clima de terror e de perseguição na Hungria, ela foge, em 1956, aos 21 anos, ao lado do marido e da filha do casal, que, na ocasião, tinha apenas 4 meses de vida. O marido de Kristof se opunha ao regime soviético e temia represálias em razão de suas posições políticas. A pequena família atravessou a fronteira e o território austríaco, fixando-se em Neuchâtel, na parte francófona da Suíça, onde a escritora passou o resto de sua vida.

Recebida como refugiada e vivendo as profundas dificuldades de adaptação a um país estranho e a uma língua que lhe era totalmente desconhecida, a jovem Agota começa a trabalhar em uma fábrica de relógios, o que lhe garante o sustento econômico, mas agrava seu sentimento de desterro, como estrangeira e falante de uma língua muito diferente da do contexto ao qual tentava integrar-se. Depois de alguns anos, ingressa num curso de francês, graças a uma bolsa de estudos em uma universidade local: mesmo falando francês com certa desenvoltura algum tempo depois de chegar à Suíça, a autora não sabia escrevê-lo, nem lia nada em francês. Dois anos após ingressar no curso, com um diploma de mérito nas mãos, Kristof escreve seus primeiros textos em francês, pequenas peças de teatro, cuja difusão se deu em algumas emissoras de rádio suíças. Em 1986, a prestigiada Editora Seuil aceita publicar seu primeiro romance, *Le Grand Cahier* (Um caderno e tanto). O sucesso foi imediato, tornando a escritora conhecida da crítica e do público não só entre leitores francófonos, mas também internacionalmente, haja vista que o livro foi traduzido para mais de 30 línguas (Lathiou 2007). A esse romance seguem-se, em 1988, *La Preuve* (A Prova) e, em 1991, *La Troisième Mensonge* (A Terceira Mentira), que formam a famosa *Trilogia dos Gêmeos*.

Kristof escreveu também mais um romance, *Hier* (Ontem), publicado em 1995, além de algumas narrativas curtas, *C'est égal* (2005) e inúmeras

peças de teatro, já no fim de sua carreira, o qual, aliás, ela mesma decretou ao repassar todos os seus escritos aos Archives Littéraires Suisses, em 2007.

Agota Kristof faleceu em 27 de julho de 2011, aos 75 anos, deixando três filhos.

Dessa biografia considerada, por assim dizer, oficial, receberam atenção no livro que analisamos apenas alguns fatos, cujo fio condutor se estabelece a partir da experiência linguística da autora. As páginas iniciais são dedicadas à lembrança do seu domínio precoce da leitura e ao ambiente familiar. Em seguida, passa ao difícil e solitário cotidiano no internato – cujo alívio vinha da leitura de livros clássicos e da escrita de pequenos textos teatrais –, para chegar à narração da travessia do território austríaco até a chegada à Suíça francófona. Reforcemos que, sem falar uma única palavra em francês, a autora conseguiu um trabalho monótono e desgastante em uma fábrica de relógios e passou alguns anos sem qualquer contato com a leitura. Em seguida, com um domínio mais razoável em relação à língua francesa, ainda que, provavelmente, não conhecesse muito da literatura escrita em francês, a jovem estrangeira não se intimidou e, após algum tempo num curso para aprimoramento do idioma, Kristof já escrevia suas primeiras produções em língua francesa. São sobre esses acontecimentos que a análise aqui proposta irá se debruçar para estudar a importância da escolha dessas cenas no contexto do livro, considerando que suas obras, sobretudo a *Trilogia dos gêmeos*, lhe renderam prêmios e reconhecimento internacional. Porém a autora nunca escondeu que o francês não foi uma opção, mas um desafio, o qual sempre a lembrará de sua ambígua condição de *analphabète*.

Limiares

Ainda que nosso foco não seja o exame dos aspectos ligados ao pacto autobiográfico (Lejeune, 2008), é preciso observar que a autora selecionou alguns períodos da sua vida para a composição do seu *récit biographique*, os quais, a nosso ver, tratam justamente de momentos em que se podem observar certos limiares, que nos evocam *ritos de passagem*, como os entende Gagnebin (2014). Serão objetos da nossa análise aqueles que dizem respeito ao papel da leitura na infância, à vida no internato durante a adolescência e à fuga para a Suíça, onde se deu o encontro com a língua francesa. Não por coincidência, os períodos em questão marcam fases biológicas de um indivíduo (infância, adolescência e vida adulta) e reforçam a

ideia de que são passagens fundamentais da sua trajetória literária. É digno de nota, nesse sentido, observar que, ao final do livro, a autora, com visível satisfação – algo que destoa do tom melancólico que permeia todo o texto, relata um passeio pelas ruas de Berlim, ao lado da sua tradutora alemã, sublinhando, com essa imagem, a nosso ver, o valor central das passagens e dos limiares na representação do seu percurso como escritora.

Essas escolhas podem parecer redundantes, na medida em que se trata de um texto que se define como biográfico. Porém, no lugar de produzir um relato memorialístico com farta referência a cenas, situações e lugares do passado, a autora individualiza algumas dessas ocasiões (os saltos temporais respeitam, inclusive, a ordem cronológica dos acontecimentos), mais subtraindo do que acrescentando informações sobre sua vida (Balsi, 2012). Dessa forma, em sintonia com um texto marcado pela economia de conteúdo e dos recursos narrativos, a seleção desses períodos fundamentais nos possibilita lê-los como *ritos de passagem*, momentos que revelam mudança, transformação e marcam experiências constituintes da identidade humana (Gagnebin, 2014), tendo como elemento central, no caso do livro de Kristof, a presença da escrita, mesmo que em “língua inimiga”.

Segundo Gagnebin (2014, p. 41), “a infância é, pois, o país tanto das descobertas quanto dos limiares”. Uma dessas vivências é a primeira imagem que Kristof mostra ao leitor, sublinhando, como já observamos, o valor da leitura e da escrita na sua constituição: “Je lis. C’est comme une maladie. Je lis tout ce qui me tombe sous la main, sous les yeux (...) (2014, p. 03)”.⁹ A precocidade da aprendizagem da leitura – a autora afirma que já sabia ler aos 4 anos de idade – e o talento para contar histórias distinguiram a menina no ambiente familiar, sobretudo na casa da avó. Essa passagem para o mundo letrado foi vivida pela autora dentro da vida em família, cuja disponibilidade de acesso à leitura foi reforçada por um pai professor que lhe proporcionou um contato integral com livros. Como já observamos anteriormente, há um tom melancólico que se impregna na literatura kristofiana e que pode ser inferida mesmo quando a narrativa se volta para um momento reconhecidamente feliz, no acolhedor e confortável ambiente familiar: é preciso sublinhar, nesse sentido, a comparação feita entre a paixão pela leitura e a doença (*maladie*), o que reforça a ideia da percepção de uma experiência marcada por sentimentos contraditórios, as quais, podemos acrescentar também, fogem

⁹ Eu leio. É como uma doença. Eu leio tudo que me cai na mão, sob os olhos.

da normalidade, como se observa na escolha da palavra *doença*. Com isso, esse limiar fundamental da infância, que se repetirá, com a aprendizagem do francês na vida adulta, apresenta uma ambiguidade de significados que está na própria essência das experiências limiares (Gagnebin, 2014).

Nesse sentido, podemos pensar no que nos aponta, uma vez mais, Gagnebin (2014), ao reforçar que Walter Benjamin via na infância um momento-chave das experiências limiares. Em *L'Analphabète*, os fatos da infância, sucintamente narrados nos três primeiros capítulos, expõem esses momentos tão fundamentais, quando ela surpreende a todos ao ler fluentemente aos 4 anos de idade e ao compartilhar com a avó as histórias que inventava, revelando ao leitor o quanto da escritora adulta germinava na pequena garotinha.

Também Barrento (2013) reforça essa ideia quando afirma que “o limiar é o lugar onde fervilha a imaginação” (p. 123) e a infância é um período fértil nesse sentido. No caso de Kristof, isso se deu, como assinalamos, com acréscimo do tom melancólico, frequente nas experiências de limiar (Gagnebin, 2014). Neste ponto, vale a pena estabelecermos uma conexão com o fato de que, no fim da vida, a autora abandonou a atividade de escritora e repassou seus escritos aos Archives Littéraires Suisses. Sendo assim, não podemos deixar de considerar que a escrita para Kristof foi uma experiência que se realizou sob a condição de uma interminável e inequívoca série de transformações, recaindo, possivelmente, num silêncio que nos evoca a ideia de indefinição de que fala Gagnebin (2014, p. 37): “o limiar não significa somente a separação, mas também aponta para um lugar e para um tempo intermediários e, nesse sentido, indeterminados, que podem, portanto, ter uma extensão variável, mesmo indefinida”.

Em capítulos curtos, obedecendo a um projeto estético que se realizou sob a égide de uma escrita minimalista, a narradora logo nos guia para outro momento central: a ida para um internato. É um período triste, cujo cotidiano parecia, como a menina define, algo “entre l’orphelinat et la maison de correction” (KRISTOF, 2004, p. 09),¹⁰ com uma rotina austera e pouco acolhedora, reforçada pelo clima de tensão vivido na Hungria da sua juventude. A ligação com a família, por sua vez, foi esvaindo-se, até a incerteza total sobre o paradeiro do pai¹¹ e a escassez de contatos com a mãe e com

10 Entre o orfanato e a casa de correção.

11 O pai foi preso durante a ocupação soviética na Hungria.

os irmãos, separação que deixou lembranças em que se mesclam saudade e desilusão. Essa parte da narrativa se destaca no conjunto do livro pela abertura a um tom sutilmente emotivo – que não identificamos no restante da narrativa – ao discorrer sobre a saudade do tempo em que ela vivia na companhia dos pais e dos irmãos e sobre os passeios pela floresta em que ninguém podia controlar o tempo e a felicidade. Gagnebin (2014) insiste na perspectiva benjaminiana de que os limiares no mundo contemporâneo foram diluídos, quando não totalmente abreviados, pela lógica capitalista que obriga o indivíduo a viver com base nos ponteiros do relógio, preocupado com uma produtividade da qual ele nunca receberá qualquer recompensa. É possível identificar neste sutil momento nostálgico do texto uma tentativa de recuperar, pela memória, essa vivência desafiadora da menina Agota diante das imposições do mundo dos homens, sobretudo quando cita as caminhadas pela floresta, sinônimo da liberdade e do movimento de fluxo por uma fase fascinante da sua vida.

Além disso, a lembrança desses acontecimentos reforça, a nosso ver, a ideia de que são os limiares que caracterizam as experiências narradas em *L'Analphabète*, sendo, ao mesmo tempo, uma tentativa de atualizar a importância da representação desses momentos numa realidade tolhida pela guerra, pela intolerância e pela dificuldade dos que se veem sozinhos e desamparados em contextos de forte tensão social. Não podemos esquecer que o período correspondente à infância e à adolescência da autora são aqueles relativos aos anos da II Guerra Mundial e da ocupação soviética na Hungria, que levou o marido de Kristof à decisão de fugir do seu país natal. Diante desse contexto, o internato se converte igualmente em um exílio, na medida em que, perdidas as referências familiares, a realidade vivida a obriga a assumir a responsabilidade sobre a sua sobrevivência. Esse momento envolve dois dos três tipos de ritos de passagem que Gagnebin (2014) nos explica, citando a classificação proposta pelo antropólogo Arnold van Gennep: *separação*, *agregação* e *de margem*, ou de limiar. De forma simbólica, quase como uma morte, a menina de 14 anos enviada a um orfanato separou-se da família, a qual, aliás, não aparece mais no restante da narrativa, e viveu uma profunda transformação buscando meios para sobreviver material e psicologicamente num ambiente hostil e repressor. A conjugação dessas experiências de *separação* – da família – e *de margem* – adolescência solitária e cerceada por um regime totalitário – deu-lhe, em última instância, a oportunidade de atravessar essa fase cultivando o seu maior meio de sobrevivência, escrever: “Quand, séparée de mes parents et de mes frères,

j'entrerai à l'internat dans une ville inconnue, où, pour supporter la douleur de la séparation, il ne me restera qu'une solution: écrire. (Kristof, 2004. p. 08).¹²

Para sobreviver, inclusive em termos econômicos, a menina escreve e atua em esquetes que apresenta a colegas de internato. Neste ponto, devemos lembrar que é justamente neste gênero textual, o teatro, que a autora começará a escrever em “língua inimiga”, já em território suíço. Ainda que suas peças não sejam tão conhecidas do público quanto os romances e esse *recit autobiographique*, são dignos de nota as inúmeras representações que alguns de seus textos tiveram em outros países, para além dos domínios francófonos, como o Japão e mesmo o Brasil.¹³

O terceiro momento que escolhemos para análise – o exílio – completa, de certa forma, o sentido do momento anterior. Mesmo com o agravamento da sua situação e obrigada a exilar-se em um país do qual nada conhece, sobretudo o idioma, a narradora passa por um longo período de convivência com a língua do exílio, tornando distante a presença da língua materna. Nesse sentido, a narrativa de Kristof nos mostra o quanto a condição de exilada e de aprendiz de um idioma por vias diferentes daquelas que são naturais, ou mesmo escolhidas por um indivíduo, podem representar desamparo e exclusão. Por outro lado, nada a fez recuar de sua decisão: “Do que eu tenho certeza é que teria escrito, não importa onde, nem em que língua.” (Kristof, 2004, p. 25).¹⁴

Ao decidir continuar a escrever e apropriar-se da “língua inimiga”, a autora confirma, a nosso ver, a posição da escrita como representação de um limiar e, nesse sentido, estabelece para o título do livro um outro significado, além daquele que citamos no início desse trabalho. Consolidada a permanência no país estrangeiro e reconhecida a incapacidade de ler e de escrever em francês, ainda que o fale razoavelmente depois de um tempo na região, ela não é analfabeta somente nesse patamar, mas também, e talvez, sobretudo, porque uma vida inteira de lembranças e experiências se dissipa conforme a língua que as moldava se extingue também, Kristof aprendeu que o *analfabetismo* vivido pelo exilado vai além das questões linguísticas e comunicativas. Não poder reviver esses momentos ou falar deles usando a

12 Então, separada dos meus pais e dos meus irmãos, eu entrarei no orfanato de uma cidade desconhecida, onde, para suportar a dor da separação, só me restará uma solução: escrever.

13 John & Joe (1972), foi encenada pelo Grupo Trama, com apresentações que se realizaram nos anos de 2012 e 2013. Ver: <https://www.otempo.com.br/o-tempo-contagem/grupo-trama-de-teatro-apresenta-espetaculo-inedito-em-contagem-1.27013>

14 Ce dont je suis sûre, c'est que j'aurais écrit, n'importe où, dans n'importe quelle langue

língua materna não deixa de ser também um processo que leva ao luto e à melancolia (Freud, 2016). Sintoma dessa condição, além do próprio tom melancólico do texto, é a referência que a autora faz, em certo ponto da narrativa, aos companheiros de exílio e aos fracassos de suas tentativas de integração, que levaram, inclusive, ao suicídio, em alguns casos. Kristof morreu para a língua materna e nasceu para uma nova língua porque soube, desde o início, que era preciso ir além da fronteira, tanto as territoriais quanto as simbólicas, e viver plenamente os limiares.

Dois entre nós retornaram à Hungria apesar da pena de prisão que os esperava lá. Dois outros, homens jovens, solteiros, foram ainda mais longe, aos Estados Unidos, ao Canadá. Outras quatro, ainda mais longe, tanto quanto se pode ir, para além da grande fronteira. Essas quatro pessoas que eu conhecia se suicidaram durante os dois primeiros anos do nosso exílio. Uma por barbitúricos, uma através de gás, e as outras usando uma corda. A mais jovem tinha 18 anos. Ela se chamava Gisele. (Kristof, 2004, p.27)¹⁵

Com isso, embora a acepção literal do adjetivo “inimiga” possa interessar a pesquisa acerca de perspectivas que investigam os desdobramentos históricos e sociais do período narrado no livro, a mudança de percepção da identidade, inscrita a partir de um outro idioma, parece-nos visível, se observamos o texto pela ótica das experiências de limiar.

Mesmo com uma vida adulta marcada por tantos acontecimentos, Kristof voltou a ser como a sua filha, quando essa tinha 6 anos e estava prestes a iniciar seu processo de alfabetização. A analogia com a condição da filha reafirma o quanto a experiência da escrita e da leitura na vida da autora permaneceu sempre como um limiar constantemente atravessado. Barrento (2013, p. 123) evidencia melhor esse aspecto quando afirma que “o limiar, todos os limiares, transformam-se assim em lugares de vida e de pensamento escrito, enquanto a fronteira acabaria por ser, para Benjamin, lugar de morte”.

Por fim, não podemos deixar de observar o quanto a obra de Kristof pode lançar olhares assertivos para a nossa época, passada mais de uma

15 Deux d'entre nous sont retournés en Hongrie malgré la peine de prison qui les y attendait. Deux autres, des hommes jeunes célibataires sont allés plus loin, aux États-Unis, au Canada. Quatre autres, encore plus loin, aussi loin que l'on puisse aller, au-delà de la grande frontière. Ces quatre personnes de mes connaissances se sont donné la mort pendant les deux premières années de notre exil. Une par les barbituriques, une par le gaz, et deux autres par la corde. La plus jeune avait dix-huit ans. Elle s'appelait Gisèle.

década da sua morte. Sua obra rediscute e, ao mesmo tempo, atualiza as graves dificuldades mundiais que o cenário político e social tem vivido, diante de uma onda migratória que, com mais ou menos intensidade, há alguns anos, ocupa as manchetes e o conteúdo dos jornais e dos meios midiáticos por todo o mundo. O retorno dos Talibãs ao poder no Afeganistão há pouco mais de dois anos, por exemplo, assim como as políticas anti-imigração que tomam força no cenário político atual, sobretudo na Europa, tornam ainda mais urgentes e decisivos os temas do exílio, da tolerância, da infância abstraída e abortada e a condição das mulheres escritoras que Kristof expõe sutil e profundamente nas breves páginas de *L'Analphabète*.

À guisa de conclusão

Escrito há quase vinte anos, o texto de *L'Analphabète* continua surpreendentemente atual, considerando a perspectiva da discussão de alguns aspectos que tomaram proporções globais em nossa época, a começar pela condição – sempre de natureza dolorosa – das mulheres, sobretudo das artistas, e, aqui não podemos deixar de citar a violência do assassinato da artista venezuelana Julieta Hernández no Brasil; as políticas que ferem os direitos humanos de exilados e refugiados, cada vez mais expostos à violência da fome e ao perigo de morte, como podemos observar em países como França e Itália, assim como na região da Palestina; o drama das guerras, ainda distantes de uma solução pacífica e digna por parte daqueles que as promovem; e a força da escrita, que superou, no caso de Kristof, a dor do exílio e o trauma da solidão.

Sua escolha pelas experiências limiares, que delineiam o fio condutor da obra em questão, pode ser lida como uma defesa, quase poética, da necessidade da vivência e da reflexão, ainda que constantemente atacadas pelas urgências da sociedade em que vivemos, sobre as vicissitudes e desafios da vida humana em todas as suas dimensões. Esses domínios, imersos em tantas abreviações, são temas que perpassam não só esse extraordinário livro, como também toda a obra da autora, sempre às voltas com as palavras e travessias.

Bibliografia

Barrento, João. *Limiares sobre Walter Benjamin*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

Balsi, Sara. La fin de l'exil. In: <https://www.lintermede.com/pages-agota-kristof-portrait-ecrivain-auteur-ecrivaine-hongrie-suisse.php>. Acesso em 22/02/2024.

Benjamin, Walter. *Passagens* (3 v.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. Trad.: Irene Aron & Cleonice P. B. Mourão.

Freud, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Cia das Letras, 2016. P. 170-194. Trad. Paulo César de Souza.

Gagnebin, Jeanne-Marie. Limiar: entre a vida e a morte. In: *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2016. P. 33-50.

Kristof, Agota. *L'Analphabète*. Genebra: Editions Zoe, 2004.

Lathiou, Marie-Thérèse. Agota Kristof. "Tout être humain est né pour écrire un livre" (2007). In: <http://www.culturactif.ch/viceversa/kristof.htm>. Último acesso: 20/11/2020.

Lejeune, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2008. Trad. Jovita M. G. Noronha & Maria I. C. Guedes